

Homenagem



# Paula Rego: Génio, generosidade e coragem <sup>(1)</sup>

ANA GABRIELA MACEDO\*

---

Se tivesse de escolher três palavras para descrever Paula Rego, seriam as do título.

Sempre que necessário, sempre que foi urgente intervir, tomar uma posição como mulher, artista e cidadã, Paula Rego fê-lo, de modo desassombrado e sem qualquer arrogância.

Denunciou a ditadura salazarista em imagens contundentes nos anos 1960, desafiando a censura, iludindo o censor, incapaz de ler nas suas colagens de inspiração surrealista a crítica mordaz ao regime do Estado Novo, a injustiça e asfixia social e os horrores da guerra colonial. Veja-se o belíssimo texto da autoria do seu amigo, o poeta Alberto de Lacerda, que acompanhou

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/hhl3-rjd4>

\* CIÊNCIA ID: 201C-2113-1706

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7823-0613>

Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas (ELACH), Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal  
[gabrielam@elach.uminho.pt](mailto:gabrielam@elach.uminho.pt)

- 
1. Este texto foi escrito no dia 8 de Junho de 2022, data do falecimento de Paula Rego, como uma homenagem pessoal à artista, com quem tive o privilégio de privar ao longo de mais de duas décadas, e à sua obra ímpar. O texto foi publicado no *Jornal de Letras*, 15/06/2022, p. 4.

a sua primeira exposição a solo na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, em 1965, e que celebrou a pintora nos seguintes termos: “convulsiva e fluente, sonhadora e feroz”, afirmando que a sua obra exibia simultaneamente “terror e um corajoso triunfo” (Lacerda, 1978). Num texto posterior publicado na *Colóquio Artes* de 1989, intitulado “Paula Rego e Londres”, Lacerda escreveria: “Falar de Paula é, entre outras coisas difíceis, falar de um elevado número de contradições misteriosamente unificadas (...). Paula está sempre à solta, está sempre livre – mesmo quando se sente tímida, ou diz que está envergonhada”.

Já no início dos anos 2000, numa alusão à irrupção da guerra do Iraque, e como resposta sua a uma notícia e imagem do jornal (recorte que tinha na parede do seu *atelier*), criou uma impressionante tela, intitulada “A Guerra”, denunciando os seus horrores inumanos (2003), antropomorficamente representados na tela por animais ensanguentados, por ser inadmissível que humanos cometessem esses horrores, afirmava a pintora.

Por sua vez, a exposição que teve lugar em 2019, inaugurando a nova galeria britânica de Milton Keynes, intitulada “Obediência e Desafio”, revisitou sobretudo o período da sua pintura dos anos 1960-70, pela sua acutilância crítica e pela relevância do seu foco declaradamente político face à contemporaneidade, ainda que, paradoxalmente, em particular no Reino Unido, de escasso conhecimento público.

Em 1998-99 criou a série denominada “Sem Título”, que teve um papel fundamental na lei que viria a descriminalizar a prática do aborto, que, em Portugal, levou ao sofrimento, ao ostracismo e à morte de um número incomensurável de mulheres, geração após geração; após anos de debate e luta acérrima, face à derrota do referendo em 1998, o Parlamento viria finalmente a ratificar a lei em Fevereiro de 2007.

Seguiu-se a série de composições sobre o tráfico humano, particularmente de mulheres e crianças e, após esta, a série sobre mutilação genital feminina (2009).

Mas é difícil isolar fases ou “ciclos” na obra de Paula Rego. Existe sem dúvida um *continuum* – de denúncia e de exposição da crueldade e da injustiça. Mas existe também, veemente na sua obra, o outro lado de tudo isto – a celebração da vida, o poder dos instintos, da sexualidade, o prazer do lúdico, da transgressão e da subversão (destaco, entre outras, a série “Mulher-Cão”,

1994). O empoderamento feminino percorre toda a sua obra, declaradamente expresso ao longo dos anos de múltiplas formas, assumindo uma diversidade de rostos e de representações, e que tem talvez em “Jane Eyre” (2001-02) a sua mais completa expressão – o elogio da rebeldia das mulheres e do seu direito à autonomia, à educação, a uma voz e um espaço próprios, plasmados na figuração que nos dá da coragem indómita da pequena Jane e da sua rejeição do medo e da vitimização. Impressionante imagem, nesta *re-visão* do inspirador romance de Charlotte Brontë, a da minúscula Jane, de pé num banco de escola, desafiando a autoridade inquisitorial do director do orfanato, Mr. Brocklehurst, rosto lívido do poder, igual a todos os outros que representam o poder e a autoridade. Impossível não falarmos do peso da literatura, das narrativas, mitos, contos e histórias populares no imaginário pictórico de Paula Rego e na criação do seu “teatro interior”, como a artista se lhe referia, fonte permanente de criatividade e imaginação. A sua ilustração das “Nursery Rhymes” (1989) (“Rimas de Embalar” na tradução portuguesa da poeta Adília Lopes) da tradição infantil e popular inglesa é desde logo a sua mais potente e sugestiva expressão.

Era sempre essa a primeira pergunta que me fazia quando a visitava em Londres, no seu *atelier* de Camden Town: “Conte-me o que há de novo na literatura em Portugal! Que livro recente leu? Preciso de histórias novas!”

Presença fulgurante também no *continuum* da obra de Paula Rego é a religiosidade – vista “do avesso”, com uma proximidade entre o humano e o divino verdadeiramente transgressiva. E são tantas e tão poderosas as composições que criou (beneficiando desse período de inspiração privilegiada que passou ao longo de 1990, enquanto artista residente na National Gallery de Londres, permitindo-lhe absorver e criar um diálogo próprio com a chamada Grande Tradição da Arte Ocidental, que ousou questionar e reinventar), que é difícil citar apenas algumas. O “Jardim de Crivelli” (1990-91) – o magnífico tríptico exposto na National Gallery contém de certo modo todos os outros, não tanto pela sua dimensão e grandiosidade, como pela intensidade mística que o percorre e pela diversidade de emoções que gera em nós. Talvez seja aí que a proximidade entre o humano e o divino esteja mais patente e nos interrogue com mais força. Um outro tríptico, composto em 1999, revisita a vida das três “mulheres santas” da vida de Jesus: “Marta, Maria e Madalena”, investindo-as de um novo e transgressivo poder, reescrevendo-lhes as vidas, empoderando-as como mulheres terrenas. O

ciclo da “Vida de Maria” (2002) estabelece um diálogo profundo com as composições anteriores, re-encenando a vida de Cristo através dos olhos e do corpo de Maria. É talvez esta a mais completa homenagem que a artista faz ao universo feminino, desvelando inteiramente o rosto da mulher, o seu corpo, as suas emoções, os seus medos e angústias e o peso desmedido que a vida lhe impõe.

Talvez melhor que nenhuma outra série de composições, esta revela magnificamente o *génio, a coragem e a generosidade de Paula Rego*.

Termino com as palavras da pintora, aquando da primeira entrevista que lhe fiz em Londres, em 1999: “O meu tema é a minha história, a história que eu tenho para contar e a minha maneira de a contar” (in *JL*, 19/05/1999).

Ana Gabriela Macedo,  
8 de Junho de 2022

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lacerda, A. (1978, Outubro). *Art Monthly*, 120.

Lacerda, A. (1989). Paula Rego e Londres. *Colóquio Artes*.

Macedo, A. G. (1999, Maio 19). *Jornal de Letras*.

Aceite para publicação/Accepted for publication: 17/10/2022

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC) license